

# Antonio Gramsci: do liberalismo ao “comunismo crítico”

Domenico Losurdo  
Rio de Janeiro: Revan, 2006, 287 p.

LINCOLN SECCO\*

Nascido em 1941, na Itália, Domenico Losurdo é autor de inúmeras obras dedicadas ao estudo de Kant, Hegel, Nietzsche e Heidegger. Já conhecido no Brasil pelas suas palestras e visitas ao país, teve algumas de suas obras traduzidas ao português. O mais recente livro de Domenico Losurdo é um convite à atualidade. Dir-se-ia à atualidade do pensamento crítico de Antonio Gramsci. Nem por isso o autor perde a historicidade do percurso de um pensamento que oscilou do liberalismo radical ao comunismo crítico. O texto tem um tom direto oriundo do fato de ser uma compilação das aulas dadas pelo autor no Instituto Italiano para Estudos Filosóficos.

O livro acompanha a trajetória histórica de Gramsci desde o “massacre

européu” (primeira guerra mundial) até a discussão junto aos estudiosos do marxismo ocidental. Entre suas contribuições está a de fazer um bom apanhado das relações de Gramsci com o neoidealismo italiano, pois sabemos como Gramsci foi muito mais um tributário de Benedetto Croce do que de Eduard Bernstein e, posteriormente muito mais de Lênin do que de Kautski. Enfim, “O nível mais avançado conseguido pelo marxismo é, para Gramsci, o revolucionário russo, não famosos filósofos europeus como Lukács ou Korsch, Bloch ou Adorno” (p. 274).

Em vários momentos o autor opera recuos para resgatar textos de Marx e estabelecer uma relação com os de Gramsci. Salta os olhos também a crítica ao anarquismo, justamente quando

---

\* Professor do Departamento de História da USP

visões anti-estatistas atuais recobram algum apoio nos meios estudantis.

O Autor ainda faz uma complexa discussão sobre uma ambigüidade, inscrita no marxismo, a saber: Marx legitima uma sociedade que foi capaz dos mais notáveis progressos econômicos ao mesmo tempo em que denuncia a barbárie que lhe é inerente. É neste ponto que Losurdo começa a separar a leitura que Gramsci faz de Marx daquela feita por Grossmann, Lukács, Bloch e os expoentes da Escola de Frankfurt.

Losurdo estabelece uma importante distinção entre Gramsci e a tradição do marxismo ocidental. Vale lembrar que Perry Anderson, ao tratar do tema em seu livro (*O Marxismo Ocidental*) não inclui Gramsci em seu quadro de análise sem dificuldades e sem tratar das inúmeras peculiaridades da produção gramsciana. Para Losurdo, Gramsci encontra em Maquiavel o teórico do Estado Moderno sem deixar de perceber que ele teorizava a partir de um estado despedaçado, assim como ele vê a renovação não no Renascimento, mas em Lutero e a mais fecunda apropriação teórica da Revolução Francesa na “periferia”: de Kant a Hegel. Igualmente, o marxismo não tem seu nó górdio cortado pelos teóricos da II Internacional e nem mesmo pelos filósofos críticos do comunismo de esquerda, mas por Lênin.

É evidente que a dicotomia oriente-ocidente tem outros desdobramentos em Gramsci. Ele não estava preocupado apenas com as origens nacionais da elaboração teórica marxista, pois as

melhores leituras sempre partiram de um terreno nacional para se desenvolver na arena internacional. Quando critica Amadeo Bordiga numa carta de 1924, ele diz: “a concepção política dos comunistas russos se formou num terreno internacional e não no nacional; (...) na Europa central e ocidental o desenvolvimento do capitalismo determinou não só a formação de amplos estratos proletários, mas também, e por isso mesmo, a aristocracia operária, com seus apêndices de burocracia sindical e de grupos social-democratas. A determinação que na Rússia era direta e lançava as massas à rua, ao assalto revolucionário, na Europa central e ocidental se complica com todas essas superestruturas políticas criadas por um superior desenvolvimento do capitalismo, faz mais lenta e mais prudente a ação das massas e exige, portanto, ao partido revolucionário toda uma estratégia e uma tática muito mais complicadas e de mais fôlego que aquelas que necessitaram os bolcheviques no período compreendido entre março e novembro de 1917”. Estamos diante da contradição entre oriente e ocidente não enquanto realidades geográficas, mas “geohistóricas” e é exatamente no Oriente russo que surge o desafio teórico ao Ocidente capitalista. Curioso é que Amadeo Bordiga foi um dos primeiros a colocar a dicotomia em termos claros e explícitos no seu discurso diante do pleno ampliado do Comintern em 1926: “Devemos saber como se ataca e se conquista o moderno Estado burguês, um Estado

que na luta armada se defende com muito mais eficácia do que a autocracia czarista e que, o que é pior, se defende com a ajuda da mobilização ideológica e a educação em sentido desmoralizador do proletariado por obra da burguesia”. Neste caso ele avança na direção que Gramsci percorreria no cárcere, ou seja, na direção da construção de uma estratégia revolucionária ocidental. Vale lembrar que tanto Bordiga quanto Gramsci não eram exatamente ocidentais (na terminologia gramsciana), já que a Itália compartilhava simultaneamente a condição de país industrializado e semiperiférico.

Estamos aqui diante de um problema essencial estudado por Losurdo: o tempo longo da revolução. Diante de uma fortaleza estatal atualizada, socialmente apoiada e ideologicamente recondicionada (já que Gramsci recusou ver no capitalismo apenas uma putrefação ideológica, observando nele também elementos racionais) o movimento socialista e marxista precisa se preparar para uma luta de longa duração.

Losurdo diz que o marxismo realmente crítico é aquele capaz de nacionalizar-se. Ou seja, Ho Chi Min, Castro e Mao foram marxistas críticos por terem sido capazes de aclimatar as idéias marxistas em seus países. O livro, como se vê, é polêmico. Nisto também Losurdo foi fiel a Gramsci, afinal este nunca escreveu textos que não tivessem a marca do debate.